

CAPÍTULO 2

O CICLO DA HUMANIDADE: UMA ANÁLISE INTERDISCIPLINAR SOBRE PADRÕES DE ASCENSÃO, AUGE, QUEDA E RECOMEÇO

Thiago Ruither Vilas Boas

Graduando do Curso de Psicologia, do Centro Universitário de Rio Preto – UNIRP.

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-6667-8313>

RESUMO

A inevitabilidade do ciclo da humanidade explica porque a sociedade repete as mesmas ações em épocas tão diferentes, explorando padrões de ascensão, auge, queda e recomeços em contextos históricos e sociais, mostrando que a regra é tão coesa que mesmo a cosmologia e a biologia seguem sua dinâmica. Os resultados mostraram que os ciclos são regidos por forças como o ego e a busca por controle. O modelo em forma de funil, desenvolvido neste trabalho, revelou etapas distintas que representam a trajetória humana, culminando na consolidação do ego e nos conflitos inevitáveis que antecedem novos começos. Entender seu funcionamento é essencial para antecipar o comportamento humano melhorando os relacionamentos sociais e prevenindo futuros conflitos. A metodologia utilizada para o presente artigo utilizou uma abordagem qualitativa, com revisão de literatura em livros, de história, psicologia, sociologia, neurociência e cosmologia, além de uma análise teórica do funil de desenvolvimento humano e social e reportagens. A partir dos dados obtidos, o estudo concluiu que compreender esses padrões pode capacitar indivíduos e sociedades a antecipar desafios e criar estratégias para lidar com eles, ressaltando o papel central da educação na formação de indivíduos resilientes e inovadores.

PALAVRAS-CHAVE: ciclos da humanidade, ascensão, auge e queda, ego, poder, controle.

INTRODUÇÃO

Os ciclos são a essência da vida. Desde os primórdios, a humanidade observa padrões repetitivos em diferentes aspectos da vida. Esses ciclos, presentes na natureza, na sociedade e até no cosmos, refletem a dinâmica de criação, desenvolvimento e colapso. Esses padrões são

inevitáveis e independem da nossa aceitação, sendo forças da natureza tão poderosas que escapam ao controle humano, como eventos catastróficos que alteram a vida na Terra. Para compreender todo esse ciclo, basta um pequeno olhar para a história da vida.

A humanidade, segue um ciclo de ascensão, auge e queda e isso vai acontecer ao longo da vida, com uma peculiaridade importante: as gerações seguintes sempre trazem avanços tecnológicos e conhecimento acumulado das anteriores. Esse progresso intensifica os impactos das quedas, tornando-as cada vez mais catastróficas. Por isso, entender esses ciclos permite compreender melhor os processos históricos, além de um olhar por outra perspectiva, para a biológicos e até a cosmologia, oferecendo insights valiosos para lidar com desafios contemporâneos, como crises sociais e ambientais. Dessa forma, o estudo dos ciclos não apenas enriquece o conhecimento humano, mas também oferece ferramentas para a tomada de decisões conscientes e estratégicas em diferentes contextos.

Ainda pouco se enfatiza o papel central do 'ego' e da 'sobrevivência' nesses processos, elementos essenciais para compreender as causas e consequências desses ciclos. Fluxos humanos são representados por teorias como a pirâmide de Maslow, que organiza as necessidades humanas em diferentes etapas da vida, onde o autor afirma que “o homem é perpetuamente um ser que deseja” (Maslow, 1943, p. 370). O desenvolvimento humano descrito por Piaget ressalta que “o principal objetivo da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que as outras gerações fizeram” (Piaget, 1972, p. 144). Já a dialética histórico-cultural de Vygotsky enfatiza que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as pessoas crescem intelectualmente em um ambiente cultural” (Vygotsky, 1978, p. 88). Além disso, Vygotsky destaca que “o desenvolvimento humano é um processo dialético, onde novos conceitos (síntese) emergem da interação entre formas de pensamento existentes (tese) e ideias opostas ou conflitantes (antítese)” (Vygotsky, 1998, p. 112). Claramente, todo o comportamento da vida é baseado em como se manter vivo, conforme Darwin destaca em sua teoria da evolução: ‘não é a espécie mais forte que sobrevive, nem a mais inteligente, mas a que melhor responde às mudanças’ (Darwin, 1859, p. 490). Essa luta por adaptabilidade reflete um constante esforço pela sobrevivência que coloca o 'ego' no centro de muitas causas e consequências observadas no mundo. Isso continuará acontecendo, pois o ego não é apenas parte da concepção humana, mas da sobrevivência da vida em geral.

O presente artigo tem como objetivo analisar os ciclos repetitivos observados na humanidade, explorando conexões entre história, comportamentos humanos, o mundo animal, e até fenômenos cósmicos que seguem o mesmo fluxo cíclico. Ao compreender esse ciclo inevitável, é possível prolongar ao máximo períodos de paz e minimizar conflitos. Para isso, é essencial entender o que acontece nesses ciclos e como podemos

regulá-los coletivamente, prolongando a duração da vida e garantindo maior estabilidade. Dessa forma, o estudo dos ciclos não apenas enriquece o conhecimento humano, mas também oferece ferramentas para a tomada de decisões conscientes e estratégicas em diferentes contextos.

METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando livros e reportagens de autores reconhecidos em suas áreas de estudo como base teórica para embasar a análise dos ciclos da humanidade de ascensão, auge, queda e recomeço. A busca por materiais incluiu obras clássicas e contemporâneas, abrangendo temas de história, psicologia, neurociência, biologia e cosmologia. Foram utilizadas palavras-chave como “ciclos históricos”, “dinâmicas sociais” e “comportamento humano” para orientar a seleção de referências.

Os critérios de inclusão priorizaram fontes confiáveis e relevantes, com ênfase em livros de autores renomados, como Maslow, Piaget, Vygotsky e Darwin, além de reportagens e análises de especialistas sobre conflitos contemporâneos, como a guerra entre Rússia e Ucrânia. A coleta de dados envolveu a análise de documentos primários e secundários, com especial atenção à profundidade e abrangência temática das obras selecionadas. Relatórios de portais de notícias confiáveis, como **BBC** e **The Washington Post**, complementaram a base teórica com informações atualizadas sobre eventos recentes.

A pesquisa bibliográfica é uma estratégia essencial para oferecer uma base sólida na compreensão dos padrões que estruturam os ciclos universais. Após a seleção, as informações foram organizadas e analisadas de forma integrada, conectando teorias consolidadas a exemplos práticos e desenvolvendo um modelo teórico em formato de funil que estrutura a análise interdisciplinar dos ciclos e suas implicações.

RESULTADOS

Utilizando como base uma ampla revisão bibliográfica, as referências foram selecionadas a partir de palavras-chave relacionadas aos ciclos de ascensão, auge, queda e recomeço, tais como “ciclos históricos”, “dinâmicas sociais”, “comportamento humano”, “cosmologia” e “biologia”. Essas buscas foram direcionadas para identificar obras que abordassem de forma interdisciplinar os padrões universais de transformação, conectando os contextos históricos e biológicos. A seguir, apresenta-se a tabela contendo as principais referências selecionadas e utilizadas neste estudo:

Tabela 1 - Artigos selecionados

Tema	Fonte	Total de Obras Encontradas	Obras Selecionadas	Obras Excluídas
Ciclos históricos	Livros Clássicos de História	14	12	2
Dinâmicas sociais	Livros e Teorias Sociológicas	10	9	1
Comportamento humano	Obras de Psicologia e Neurociência	8	7	1
Reino Animal	Livros de Biologia e Ecologia	6	5	1
Cosmos e Cosmologia	Obras de Física e Astronomia	6	5	1
Conflitos Contemporâneos (Rússia x Ucrânia)	Relatórios e Análises Geopolíticas	6	6	0

Fonte: Autores (2024)

Para a produção deste trabalho, adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando como base livros e reportagens que abordam, de maneira interdisciplinar. A seleção de materiais priorizou obras clássicas e contemporâneas de história, psicologia, neurociência, biologia, cosmologia e geopolítica, com o intuito de construir uma análise abrangente e fundamentada.

Os resultados mostraram que os ciclos de ascensão e queda são regidos por forças universais, como o ego e a busca por controle. No comportamento humano, autores como Sapolsky (2017) e Eagleman (2011) destacam que essas dinâmicas estão profundamente enraizadas em mecanismos biológicos e neurofisiológicos. Já no reino animal, estudos como os de De Waal (2007) e Hölldobler e Wilson (1990) evidenciam que hierarquias sociais e disputas por liderança seguem padrões similares aos observados nas sociedades humanas.

No contexto histórico, os exemplos das civilizações Maia, Romana e do regime nazista reforçam a ideia de que fatores como corrupção, conflitos internos e crises externas precipitam o colapso de grandes potências, conforme discutido por autores como Martin e Grube (2008) e Gibbon (2000). Paralelamente, no campo da cosmologia, trabalhos de Tyson e Goldsmith (2004) e Carroll (2016) demonstram como os ciclos cósmicos de criação e destruição também seguem padrões de ascensão e queda, refletindo a universalidade dessas dinâmicas.

Mesmo com a diversidade de abordagens e contextos, notou-se uma lacuna em estudos que mostrem como tudo acontece. Essa ausência reforça a necessidade de aprofundamento em pesquisas interdisciplinares

que ampliem a compreensão sobre como esses ciclos afetam indivíduos e sociedades.

DISCUSSÃO

Para compreender esse ciclo, são apresentados quatro exemplos históricos marcantes que ilustram sua universalidade. Os Maias, uma civilização que prosperou na América Latina (2000 a.C. – 1500 d.C.), destacaram-se em astronomia e arquitetura, mas enfrentaram um colapso devido a fatores internos e ambientais, conforme apontam Martin e Grube (2008). O Império Romano (27 a.C. – 476 d.C.) atingiu seu auge cultural e territorial antes de sucumbir à corrupção interna e invasões bárbaras, como analisa Gibbon (2000). Já no século XX, o Nazismo (1933 – 1945) exemplificou uma ascensão vertiginosa ao poder, um auge com conquistas territoriais e um colapso catastrófico em meio à Segunda Guerra Mundial, conforme discutido por Kershaw (1999) e Evans (2008). Por fim, no século XXI, o conflito entre Rússia e Ucrânia, iniciado em 2014 e intensificado em 2022, representa um exemplo contemporâneo de ciclos de ascensão e declínio, evidenciando como disputas territoriais, tensões políticas e interesses geopolíticos podem desencadear conflitos devastadores com impactos globais, conforme analisado por Galeotti (2022) e Mearsheimer (2022). Esses casos evidenciam como o ciclo de ascensão, auge e queda transcende culturas e épocas, conectando-se ao processo mais amplo explorado ao longo deste estudo.

CIVILIZAÇÕES MAIA E ROMANA: ASCENSÃO E DECLÍNIO

As civilizações Maia e Romana representam exemplos marcantes do ciclo universal de ascensão, auge e queda. Durante o Período Pré-Clássico, os maias estabeleceram aldeias agrícolas que evoluíram para cidades-estado organizadas, sustentadas por técnicas avançadas de irrigação e comércio regional. Segundo Demarest (2004, p. 38), "a produção agrícola não apenas sustentava as comunidades; ela também possibilitava a formação de uma elite governante responsável pela administração dos recursos". Essas cidades, como Tikal e Palenque, tornaram-se centros econômicos e culturais no auge da civilização, com avanços notáveis em astronomia e arquitetura, destacando estruturas como o Templo do Grande Jaguar (GENDROP, 1997, p. 88). Contudo, conflitos internos entre cidades-estado, exploração social e crises ambientais levaram ao declínio gradual dessa civilização (RESTALL; SOLARI, 2020, p. 102).

De forma semelhante, o Império Romano alcançou seu auge durante a Pax Romana, com territórios que se estendiam por três continentes. O apogeu romano foi marcado pela eficiência militar das legiões e por uma infraestrutura robusta que incluía aquedutos e estradas (WARD, 2007, p. 59). A estabilidade política sob Otaviano Augusto consolidou Roma como um sistema global (BEARD, 2015, p. 245). Contudo, disputas de poder, corrupção e invasões bárbaras aceleraram seu colapso. Gibbon (2000, p.

231) afirma que "a queda de Roma resultou de séculos marcados por negligência e incapacidade de adaptação".

Ambas as civilizações exemplificam como fatores internos, como instabilidade política e exploração social, combinados a fatores externos, como mudanças ambientais e invasões, resultam no declínio de sociedades complexas.

O NAZISMO E A GUERRA RÚSSIA-UCRÂNIA: PARALELOS DE CONFLITO E IMPACTO

O Nazismo e a guerra entre Rússia e Ucrânia exemplificam diferentes eras marcadas por conflitos devastadores e mudanças globais. A ascensão do Nazismo na Alemanha ocorreu em um cenário de instabilidade política e econômica após a Primeira Guerra Mundial. O Tratado de Versalhes (1919) impôs condições severas ao país, agravadas pela crise econômica de 1929, criando um ambiente fértil para movimentos radicais. Adolf Hitler emergiu como líder do Partido Nazista, prometendo restaurar a grandeza alemã e combater "inimigos internos", como judeus e comunistas. Com a ascensão ao poder em 1933, Hitler implementou reformas autoritárias que culminaram na Segunda Guerra Mundial e no colapso do regime em 1945, devido a erros estratégicos e à pressão dos Aliados (SHIRER, 1960; HITLER, 1925, p. 234).

De maneira contemporânea, a guerra entre Rússia e Ucrânia, iniciada em 2022, reflete conflitos geopolíticos atuais. A invasão russa, justificada como uma "operação militar especial" por Vladimir Putin, foi amplamente condenada pela comunidade internacional como uma violação da soberania ucraniana (ONU, 2023). As raízes do conflito remontam à dissolução da União Soviética em 1991 e à crescente aproximação da Ucrânia com o Ocidente, intensificando tensões regionais. A guerra resultou em devastação econômica e humanitária, com milhões de mortos ou deslocados e sanções globais que reconfiguraram mercados de energia e segurança (SMITH, 2024, p. 110; BEARD, 2023, p. 245).

Ambos os casos destacam como lideranças autoritárias, tensões internas e externas, e rivalidades geopolíticas podem desencadear conflitos de grande escala, cujos impactos reverberam globalmente. Esses episódios reforçam o padrão universal de ascensão, auge, queda e consequências duradouras para o equilíbrio global.

O CICLO DA QUEDA: SIMILARIDADES ENTRE CIVILIZAÇÕES AO LONGO DA HISTÓRIA

Ao examinar as quedas das civilizações Maia, Romana, regime Nazista e o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, torna-se claro que todas essas sociedades compartilham um padrão comum de colapso, apesar de suas diferenças em termos de tempo, cultura e localização geográfica. Cada uma experimentou períodos marcados por crescimento significativo e prosperidade seguidos por conflitos internos pelo poder, corrupção sistêmica,

opressão econômica e desconexão entre as elites governantes e a população geral. Para os Maias, conflitos recorrentes entre cidades-estado junto com degradação ambiental minaram sua coesão social. O Império Romano enfrentou queda através da corrupção endêmica elevação dos impostos fragmentação política interna além do agravo provocado pelas invasões bárbaras; enquanto o regime nazista sucumbiu à ambição excessivas rivalidades intrapartidárias erros estratégicos culminando numa abrangente guerra totalizante levando-os inevitavelmente ao declínio final e a guerra entre Rússia e Ucrânia, que é marcado por conflitos territoriais e totalitarismo envolvendo os seus líderes.

Esses elementos comuns ilustram um ciclo universal de ascensão, auge e queda, que não se limita às quatro civilizações mencionadas. Ao longo da história, inúmeros exemplos demonstram como o excesso de autoritarismo, conflitos sociais e choques de ideias conduziram ao colapso de sociedades inteiras. Civilizações como o Império Mongol, marcado por expansões rápidas seguidas de fragmentação política, ou a dinastia Qing na China, que sucumbiu à corrupção interna e pressões externas, reiteram como a centralização excessiva de poder e a falta de coesão social podem acelerar o declínio. Mesmo potências contemporâneas enfrentam tensões semelhantes, evidenciando que esses padrões são atemporais e inevitáveis.

REINO ANIMAL

Assim como nas sociedades humanas, o ciclo de ascensão, auge e queda também se manifesta no reino animal, evidenciando organizações sociais complexas, hierarquias rígidas e disputas por recursos, territórios e liderança. Essas dinâmicas, impulsionadas pela busca de sobrevivência e reprodução, refletem forças semelhantes às que moldam as sociedades humanas, como competição, poder e controle. As colônias de formigas, por exemplo, destacam-se por sua organização cooperativa, liderada por uma rainha e sustentada por operárias que protegem a colônia e buscam recursos. Contudo, disputas por território ou alimento frequentemente resultam em guerras entre colônias, que podem culminar na destruição completa de uma e na absorção de seus recursos pela vencedora. Hölldobler e Wilson (1990, p. 283) observam que esses conflitos demonstram como o ciclo de competição pode levar ao colapso de uma estrutura social, mesmo em organismos altamente organizados. Além disso, dentro das próprias colônias, disputas internas podem ocorrer durante períodos de transição, quando novas rainhas competem pelo controle.

Entre os chimpanzés, essas dinâmicas são igualmente notáveis, com grupos estruturados em hierarquias onde o macho alfa lidera, controla recursos e resolve conflitos. No entanto, sua posição é constantemente desafiada por outros machos que formam alianças estratégicas para disputar o poder. De Waal (2007, p. 89) ressalta que essas rivalidades por liderança frequentemente resultam em períodos de instabilidade até o estabelecimento de um novo líder. Disputas por comida ou parceiros reprodutivos também

geram agressões dentro dos grupos, reforçando a centralidade do poder e do controle nas dinâmicas sociais desses primatas. Situações semelhantes ocorrem entre lobos, que vivem em matilhas lideradas por um casal alfa responsável pela reprodução e pelo acesso aos recursos. Quando jovens lobos amadurecem, podem desafiar a liderança, resultando em confrontos que, segundo Mech (1999, p. 24), ocasionalmente desestabilizam a coesão do grupo. Já entre os leões, as disputas por território e liderança são marcadas por combates violentos entre machos de coalizões. Após derrotar os líderes dominantes de um pride, os novos líderes frequentemente praticam infanticídio para garantir a perpetuação de seus próprios genes, um ciclo que perpetua a instabilidade. Schaller (1972, p. 175) descreve como esses ciclos de conquistas e substituições são características inerentes à dinâmica social dos leões.

No mundo microscópico, os ciclos de ascensão e declínio tornam-se ainda mais evidentes. Bactérias competem intensamente por recursos até atingirem um ponto de saturação, momento em que a escassez de nutrientes e o acúmulo de resíduos tóxicos levam ao declínio populacional. Vírus como o SARS-CoV-2, causador da pandemia de COVID-19, exemplificam ciclos de expansão e retração, adaptando-se por meio de mutações que permitem escapar do sistema imunológico e superar barreiras como vacinas, mas enfrentando limitações quando os hospedeiros se tornam imunes. Zimmer (2021, p. 219) destaca que os vírus estão presos em ciclos constantes de adaptação e extinção, demonstrando como a própria eficiência em se replicar frequentemente leva ao colapso de surtos. Assim, o reino animal, em seus diversos níveis, reflete os padrões universais de ascensão, auge e queda, evidenciando que essas leis não se limitam às sociedades humanas, mas são parte intrínseca da dinâmica da natureza.

UNIVERSO

Assim como nas civilizações humanas e no reino animal, o universo também segue o ciclo universal de ascensão, auge e queda. Galáxias colidem, estrelas colapsam, e sistemas planetários passam por transformações dramáticas. Esses eventos, embora muitas vezes violentos, são essenciais para a criação e renovação de novas estruturas. Colisões galácticas, como a prevista fusão entre a Via Láctea e Andrômeda, comprimem nuvens de gás, promovendo o nascimento de novas estrelas e distribuindo elementos que alimentam a formação de sistemas planetários. Segundo Tyson e Goldsmith (2004, p. 213), "as colisões galácticas não destroem as estrelas existentes, mas promovem a formação de novas, renovando o ciclo de nascimento estelar e expandindo a diversidade cósmica".

Estrelas massivas, ao colapsarem, geram supernovas, buracos negros ou estrelas de nêutrons, espalhando elementos pesados como ferro e ouro, essenciais para a vida em planetas rochosos. Esses eventos catastróficos não representam apenas o fim de uma estrela, mas o início de

novas formas de matéria e energia. Carroll (2016, p. 179) explica que "o colapso estelar é um exemplo de como a destruição cósmica pode criar as condições para novos sistemas e estruturas". Além disso, impactos massivos, como o que formou a Lua da Terra, estabilizam sistemas planetários e protegem contra ameaças externas, como asteroides. Canup e Asphaug (2001, p. 801) destacam que "a formação da Lua estabilizou a inclinação axial da Terra, criando as condições para um clima mais estável e permitindo a evolução da vida".

O ciclo cósmico demonstra que o universo inteiro segue o fluxo de construção, estabilidade e transformação. Assim como no colapso de uma estrela ou na colisão de galáxias, cada evento de destruição gera as bases para novas criações. O cosmos, em constante movimento, evidencia que a renovação é a única constante. Cada queda representa um renascimento, mostrando que a transformação não é o fim, mas parte de um fluxo eterno que garante a continuidade do universo, respeitando o ciclo da vida, o ciclo que vamos entender melhor agora.

COMO TUDO ISSO FUNCIONA?

Para entender o processo de transformação universal, é necessário compreender que ele é impulsionado pelo "ego". Cada indivíduo vive experiências únicas e possui uma visão de mundo subjetiva, moldada ao longo de sua trajetória de vida. Nesse percurso, o ego vai se solidificando, consolidando convicções e crenças baseadas em suas vivências. Inicialmente, o ego é frágil, desprovido de base sólida para enfrentar outros egos. No entanto, à medida que a pessoa acumula experiências e fortalece sua percepção de si mesma, o ego se torna mais firme, moldando ações e interações. Esse processo de solidificação do ego é o motor que impulsiona o ciclo universal.

Esse ciclo se inicia com um **ego fragilizado**, evolui à medida que o indivíduo constrói suas convicções e alcança seu ápice com o confronto entre **egos solidificados**, gerando conflitos que levam ao declínio. Esse padrão demonstra a universalidade do ciclo de ascensão, auge e queda, sempre seguido por um recomeço. Assim, o ego, como força central, é o elemento que perpetua esse fluxo.

Nos animais, o ego pode ser entendido como a **busca instintiva por sobrevivência e controle**. Desde a luta por liderança em matilhas de lobos, onde o alfa consolida seu poder para garantir acesso a recursos e reprodução, até o comportamento político dos chimpanzés, que formam alianças estratégicas para manter o domínio, o ego manifesta-se como a consolidação de poder e posse. Sapolsky (2017, p. 412) explica que "as dinâmicas sociais entre primatas são impulsionadas por uma necessidade básica de sobrevivência e controle, que não apenas garantem acesso a recursos, mas também moldam relações complexas dentro do grupo". Essa busca constante por controle é essencial para a sobrevivência, mas também gera conflitos internos que frequentemente resultam em rupturas,

demonstrando que o ego é, ao mesmo tempo, a força que constrói e desestabiliza sistemas.

No ser humano, o ego é ainda mais complexo, pois é influenciado tanto por instintos quanto pela consciência. Estudos em neurociência sugerem que as decisões humanas frequentemente não são conscientes, mas ditadas por impulsos programados para garantir a sobrevivência. Eagleman (2011, p. 96) afirma: "o cérebro é um sistema que prioriza a sobrevivência acima de tudo, programando respostas automáticas e relegando a consciência ao papel de observadora". Essa dinâmica evidencia que o ego é 'fisiológico', moldando nossas ações de forma instintiva antes mesmo de termos consciência delas.

O ego, é uma força universal que impulsiona ciclos de transformação, reafirmando que o universo inteiro opera sob as mesmas leis de ascensão, auge e queda e a posteriori, o recomeço do ciclo. Vamos compreender como o ser humano solidifica seu ego ao longo da vida, seguindo um fluxo em forma de funil, que em seu ápice, reverbera toda a tese aqui embasada.

EGO FRAGILIZADO E AS NECESSIDADES FISIOLÓGICAS

Esse é o primeiro degrau do funil e é aqui que o ser se encontra em uma situação de vulnerabilidade extrema, com seu Ego fragilizado, com inseguranças, incertezas, medos, incapacidade, e sem recursos. Tudo isso gera um desespero que vai fazê-lo (organismo) se mover em busca de suprir todas essas necessidades e sobreviver, pois se não fizer isso ele morre.

BUSCA POR SOBREVIVÊNCIA

Após superar o conflito inicial, o ser inicia a busca por sobrevivência, direcionando-se à obtenção de recursos, relacionando-se com o meio e buscando conexões que facilitem essa busca. A partir desse ponto, o ser se fixa em um território, buscando segurança e integridade física enquanto assegura seus recursos presentes e futuros.

COMPREENSÃO E QUESTIONAMENTO

Depois de ir atrás dos recursos, um momento de questionamento surge no interior do ser, onde ele analisa se tudo o que tem é suficiente e se pode melhorar o que já possui, muitas vezes comparando com o que o outro possui, e por isso começa a estudar possibilidades e criar hipóteses para posteriormente executá-las. Estudos demonstram que corvos não apenas acumulam alimentos, mas também analisam os recursos ao seu redor e se comparam com outros membros do grupo. Segundo Heinrich (2007, p. 143), "os corvos são capazes de observar onde outros indivíduos escondem seus alimentos, para posteriormente decidir se devem proteger melhor seus próprios recursos ou explorar os de outros".

SOLUÇÕES

A partir daqui, começamos a analisar mais os humanos e não mais os animais não racionais. Os seres humanos avançam através da transformação de conhecimento em ação, criando estratégias complexas para consolidar seu domínio. Quando se chega nessa etapa, o ser já possui conhecimento e com esse conhecimento, ele já é capaz de criar soluções para resolver suas hipóteses, o que não significa que ele vai realizar todos os seus planos, mas que ele é capaz de analisar e desenvolver uma ideia.

Isso permite com que ele expanda suas fronteiras, aumente seus recursos, obtendo maior controle sobre suas posses e território, além de que é nessa fase que começa um nível de seleção maior, onde o ser busca estratégias para preservar e ampliar suas conquistas. Essa é uma área crítica do funil, onde muitas pessoas permanecem apenas no campo das ideias e falham em executá-las. Para avançar, é necessário transformar essas ideias em ações concretas que impactem a realidade.

Com as ideias transformadas em ações concretas, o ser avança para a etapa de concretização, onde a capacidade de realização começa a impactar não só a si mesmo, mas também os outros.

CONCRETIZAÇÃO

Esse é o momento em que a capacidade de imaginar e realizar são concretizados, há um alinhamento perfeito em pensar e executar, e o fruto dessa execução é que esses produtos, oriundos da ideia do ser, já são considerados soluções para muitas pessoas, e não só para ele. Nesse momento, ele começa a criar uma rede dependente, onde pessoas dependem do seu produto. Para produzir esse produto ele também precisa de pessoas que o ajudem e essas pessoas são ajudadas também, em forma de trabalho que gera salário e aumento de recursos, criando outra rede dependente. Além disso, vai fazer com que o status comece a ser gerado baseado na tecnologia, que na etimologia de origem grega é formada por duas palavras, *tekhne* (Significa arte, ofício, técnica ou habilidade) e *logos* (Significa razão, argumento, discussão ou conjunto de saberes), que é o produto de sua idealização concreta, uma idealização que muitas vezes parece impossível, mas que é efetivada nessa fase.

RELEVÂNCIA

Com todo status da etapa anterior desenvolvido, uma relevância maior é inevitável e vai acontecer, e toda essa visibilidade que vai ser gerada, terá uma repercussão e essa repercussão amplia o poder do indivíduo, fornecendo recursos em escala inimaginável e logo, conforto em um nível a qual tudo que a pessoa almeja ela vai conseguir e isso é notado não só pela pessoa que está vivendo essa fase, mas por todos a sua volta.

Nessa fase, a influência do indivíduo transcende seu ambiente direto, consolidando-se em redes sociais, econômicas ou políticas, o que amplia exponencialmente seu poder e visibilidade. Com a relevância em

evidência, avançar para a próxima fase torna-se fácil e rápido. Nesse momento, alcançamos o que é denominado 'sucesso'.

SUCESSO

O sucesso vem da soma de todos os fatores mencionados anteriormente, com um controle total, onde as atitudes, palavras, e comportamento do sujeito vão influenciar milhares e milhares de pessoas, fazendo com que a pessoa obtenha mais poder sobre o ambiente a sua volta, e vemos isso claramente com políticos que ganham notoriedade e dominam a mente das pessoas. Esse controle não é só total, mas pessoal também, já que nessa fase da vida, ele possui todos os recursos necessários para sobreviver com menos preocupações externas.

EGO SOLIDIFICADO

É aqui que a pessoa obtém o seu ego solidificado, onde toda a sua experiência, todas as suas conquistas, suas conexões, suas responsabilidades e poder tomam conta do ser, e dificilmente ele vai abrir mão das suas convicções por ideias que são contrárias a toda crença única e subjetiva que foi criada em todo esse caminho, e quando isso acontece, quando seu ego é desafiado, entramos para a zona final do funil.

O ego solidificado representa o ápice do ciclo, mas é também o prenúncio de sua queda, pois sua resistência a ideias contrárias intensifica os conflitos inevitáveis que foram demonstrados ao longo deste artigo.

ZONA DE CONFLITO

Essa zona de conflito acontece quando o Ego é deturpado, quando alguém vem totalmente contrário aquilo que você acredita e que acha correto, fazendo com que haja conflitos, corrupção, abalo emocional, comportamento agressivo e totalitário, gerando os conflitos nos quais foram demonstrados diversos exemplos ao longo desse denso artigo.

O conflito não está limitado ao topo do funil, mas pode acontecer ao longo do caminho, pois ele vai existir a partir do momento em que você começa a refletir, ter compreensão e questionar, já que nessa parte você está literalmente analisando a vida de uma perspectiva diferente que pode muitas vezes ir contrário a ideologia ou subjetividade do outro, o que vai gerar conflitos. O ego vai se solidificando a cada fase e se tornando cada vez mais irreversível, rígido, resistente e impenetrável, dificultando diálogos divergentes do que a pessoa acredita ser o correto, levando a um choque de perspectivas diferentes, desencadeando conflitos internos e externos que desestabilizam não só a vida da pessoa, mas pode influenciar diretamente no mundo. O ego, ao se solidificar em convicções rígidas, tende a gerar intolerância e comportamentos agressivos. Albert Bandura, em seus estudos sobre a agressividade, destaca que "comportamentos agressivos são frequentemente resultado de frustrações ou ameaças ao autoconceito, uma tentativa de reafirmar controle e identidade" (Bandura, 1973, p. 105). Nessa

fase, conflitos gigantescos podem ocorrer pois envolvem pessoas com muito poder, fazendo com que os estragos sejam catastróficos, como podemos ver em toda a história da humanidade e suas consequências tendem a ficar cada vez mais críticas, pois a tecnologia avança e se torna herança para novos poderes. Depois desse conflito e toda a catástrofe eminente, há uma restauração, um recomeço, onde a população junta os 'cacos' do caos e se unem em prol do bem maior. Podemos ver nessas fases uma união acentuada das pessoas para solucionar os problemas, caracterizando o recomeço. Nesse processo, pessoas começam a avançar no funil, começando tudo de novo. A Figura 1 sintetiza o processo descrito, apresentando de forma visual as etapas do funil que estruturam a solidificação do ego, conectando a teoria à prática.

Figura 1 – Etapas do Funil de Solidificação do Ego



Fonte: Elaboração própria (2024)

É importante observar que, como os "egos" estão em processo de construção, são facilmente manipulados por outros, pois ainda não possuem controle ou uma base sólida de convicções para resistir a influências externas. Esse fenômeno é especialmente visível em seres humanos durante fases iniciais do desenvolvimento, como a infância e a adolescência, quando a busca por aceitação e pertencimento é predominante. Segundo Vygotsky (1978, p. 88), "o desenvolvimento do indivíduo é mediado pelas interações sociais e pelo ambiente cultural ao qual ele está inserido". Ou seja, durante esse processo, o ego ainda é moldável, absorvendo ideologias, valores e comportamentos que não necessariamente refletem uma identidade consolidada. Essa vulnerabilidade permite que o ego seja facilmente

manipulado, servindo como base para influências externas que podem retardar ou desviar a construção de um ego sólido e independente.

TODAS AS PESSOAS CHEGAM NO TOPO?

Não são todas as pessoas que vão chegar no topo, pois algumas se sentem confortáveis em alguma etapa desse funil, não fazendo sentido pra ela buscar subir um degrau. Podemos chamar essa atitude de comodidade ou zona de conforto, porém isso não quer dizer que ela não influencie o funil. Pelo contrário, como veremos adiante, elas atuam como impulsionadoras para aqueles que buscam avançar, criando um fluxograma do funil que são divididos em 3 categorias, que vamos entender no próximo tópico.

FLUXOGRAMA DO FUNIL

Para entender o fluxograma do funil precisamos dividir as pessoas em 3 categorias que serão as linhas azul, vermelha e laranja.

LINHAS VERMELHAS

As linhas vermelhas são as pessoas que não chegaram ao topo e não se trata de classe social (pobre, rico, classe média), apenas pessoas que em algum momento da sua vida se viram em uma zona de conforto e gostaram daquela posição e não tinham o porquê de sair de lá. O que define essa categoria não é a condição econômica, mas a decisão de se acomodar em uma posição que consideram suficiente.

Por exemplo, uma pessoa com um emprego estável, que garante suas necessidades básicas, pode se sentir confortável e não ver motivos para arriscar algo diferente. Da mesma forma, alguém com alta renda pode decidir que já tem o suficiente e não buscar expandir seus recursos ou influências. Embora não avancem no funil, essas pessoas não são irrelevantes – pelo contrário, elas influenciam o ciclo. Podemos observar isso na Figura 2, onde os vermelhos formam o centro do fluxograma, sendo os principais responsáveis pelo fluxograma.

LINHAS LARANJAS

Os indivíduos das linhas laranjas são aqueles cujo crescimento é acompanhado de perto pela sociedade, estando no campo de visão de pessoas na zona de conforto. Esses indivíduos, como digitais influencers, são impulsionados pela exposição pública de ideias ou atitudes que entretêm e atraem seguidores. Exemplos recentes incluem uma influencer que viralizou ao negar seu assento a uma criança no avião, o que resultou em mais de 2 milhões de seguidores e parcerias comerciais, em contraste com criadores como "Ciência Todo Dia", que constroem relevância por meio de conteúdos consistentes ao longo dos anos.

Essas pessoas ascendem ao topo com apoio popular, solidificando seu ego e ganhando relevância, poder e controle. São impulsionadas pelas

linhas vermelhas e azuis, que fortalecem seu domínio, especialmente quando seus interesses se alinham com pautas da zona de conflito. Esse alinhamento amplia sua capacidade de influência e assegura respeito de pelo menos uma parcela da população. Visualmente, as linhas laranjas crescem ao lado das vermelhas, indicando como o reconhecimento social é um fator essencial para seu avanço, ainda que continuem próximas à zona de conforto.

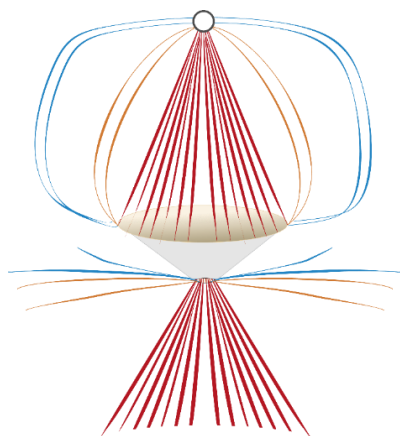
LINHAS AZUIS

As linhas azuis representam indivíduos que atingem o topo sem influência midiática, traçando caminhos isolados e frequentemente enfrentando críticas e desprezo. Essas pessoas dedicam anos aos estudos e inovações, superando fracassos e sobem até alcançarem o sucesso. Exemplos históricos ilustram essa trajetória: Albert Einstein, inicialmente ignorado, revolucionou a física com sua Teoria da Relatividade (Isaacson, 2007); Thomas Edison falhou inúmeras vezes antes de aperfeiçoar a lâmpada elétrica, afirmando que "não falhou, apenas encontrou 10.000 maneiras que não funcionam" (Edison apud Baldwin, 2001, p. 112); e Nikola Tesla, responsável pelo sistema de corrente alternada, foi incompreendido e teve suas invenções apropriadas.

Figuras contemporâneas como Steve Jobs e Elon Musk também ilustram as linhas azuis. Jobs, com inovações como o iPhone e o Mac, revolucionou a tecnologia, mas enfrentou críticas por sua liderança exigente. Musk, por sua vez, com a Tesla e a SpaceX, é visto como visionário e controverso, acusado de ambição desmedida. Apesar das rejeições e críticas sociais, suas contribuições moldam o futuro, resolvendo problemas como energia sustentável e avanços tecnológicos.

Esses indivíduos enfrentam rejeição e acusações ideológicas, sendo frequentemente incompreendidos, ou muitas vezes são persuadidos por líderes que possuem um ideal semelhante ao dele. No entanto, suas criações transformadoras impactam o cotidiano global, mostrando que as linhas azuis simbolizam isolamento inicial e subsequente reconhecimento por moldar o mundo de forma significativa.

Figura 2 – Fluxograma do funil



Fonte: autoria própria (2024)

EXISTE UMA MANEIRA DE PARAR O FUNIL?

O Funil é inevitável e representa o ciclo constante de ascensão, auge e queda, influenciado por circunstâncias internas e externas. Apesar de avanços ou retrocessos provocados por fatores como desastres naturais, crises econômicas ou doenças, o ciclo permanece constante, obrigando o ser humano a se ajustar às etapas, sem nunca escapar delas. O ambiente pode acelerar o progresso ou criar obstáculos, forçando recomeços e tornando o progresso mais desafiador. Um exemplo claro é o impacto de eventos inesperados, como uma grave doença que leva uma pessoa rica a focar em sobrevivência ou um desastre que arrasa o patrimônio de alguém na classe média, alterando drasticamente seu curso no funil.

Alguns indivíduos, como Trump, Putin, Hitler, Lula e outros, alcançam o topo, moldando profundamente seu ambiente. Pierre Bourdieu destaca que “o capital cultural e social” é determinante para o progresso nos sistemas hierárquicos, mostrando que talento e esforço não são os únicos vetores de sucesso (Bourdieu, 1986, p. 248). Além disso, músicos, artistas e cientistas se tornam protagonistas em suas áreas, obedecendo às etapas do funil e impactando milhões.

O ciclo é inevitável porque conflitos por espaço, poder e ideais são naturais à humanidade, ou seja, queremos manter o que conquistamos e guardar o máximo de energia. Como Leonard Mlodinow aponta, “os impulsos inconscientes moldam nosso comportamento, dificultando a ruptura com padrões estáveis que garantem sobrevivência” (Mlodinow, 2012, p. 56). Esses padrões, reforçados pelo cérebro em busca de recompensas, perpetuam estruturas que solidificam conflitos e comportamento competitivo.

Segundo Sapolsky, "os circuitos neurais que buscam recompensa e domínio criam padrões competitivos que levam a conflitos" (Sapolsky, 2017, p. 152), evidenciando como o ciclo está profundamente enraizado no comportamento humano individual e coletivo.

CONHECER O CICLO: A CHAVE PARA A CONSCIÊNCIA

Reconhecer em que etapa do funil se encontra é essencial para desenvolver a consciência do ciclo. Isso permite identificar padrões de comportamento, compreender estagnações e melhorar a interação com o ambiente. Essa percepção aprimora a comunicação, a presença e a capacidade de prever ações e reações, reduzindo conflitos e discussões desnecessárias.

Incorporar o entendimento do ciclo no ensino básico e superior prepara indivíduos para os desafios da vida e promove cidadãos mais conscientes e adaptáveis. Quanto mais cedo compreendermos o mundo, mais ferramentas teremos para enfrentá-lo. A educação, nesse contexto, não é apenas uma estratégia, mas um alicerce para a prosperidade, pois, mesmo que o ciclo não possa ser interrompido, ele pode ser compreendido e utilizado a nosso favor.

Entender o impacto do ego e da busca por poder na perpetuação do ciclo faz com que o ser tenha um olhar introspectivo refinado, aprimorando o autoconhecimento e ajudando a controlar melhor os impulsos emocionais. Quanto maior nossa consciência emocional, maiores as chances de exercermos o verdadeiro livre-arbítrio. Sem isso, permanecemos à mercê do nosso cérebro, acreditando ter controle enquanto somos guiados por impulsos fisiológicos.

É importante reconhecer que o ciclo não é "bom" ou "ruim", mas um fenômeno natural. Respeitar o universo e como a vida se organiza é um exercício de se olhar no espelho e reconhecer a própria imagem, não aquela moldada pela emoção, ou pelas circunstâncias momentâneas. Diante desse cenário, a educação emerge como a ferramenta mais poderosa para transformar a realidade. Uma educação efetiva deve ir além do ensino tradicional, que muitas vezes se limita a repetir teorias passadas, formando indivíduos mais aptos a reproduzir o que já existe do que a criar algo novo. Um ensino que se prende ao "mais do mesmo" falha em fomentar o pensamento crítico, a inovação e a capacidade de propor soluções para os problemas contemporâneos. Para romper esse ciclo, é necessário um modelo educacional que não apenas ensine o que já foi descoberto, mas que inspire os alunos a imaginar e construir um futuro melhor. Afinal, o progresso não se constrói apenas com conhecimento acumulado, mas com a coragem de criar o que ainda não existe.

CONCLUSÃO

Este estudo examinou a inevitabilidade do ciclo da vida, estruturado pelas etapas sociais e psicológicas que afetam o desenvolvimento dos indivíduos. Foi evidenciado que o ambiente, as dinâmicas sociais e os impulsos internos desempenham papéis fundamentais nesse processo. A compreensão desse ciclo permite uma maior conscientização sobre comportamentos e interações humanas. Além disso, foi destacada a importância de reconhecer como o ego e a busca por poder influenciam na manutenção de estruturas que promovem progresso ou estagnação, seguindo a ideia de ascensão, auge, queda e recomeço.

Este artigo contribui para a compreensão das forças que orientam o comportamento humano, ao integrar elementos psicológicos, socioculturais e neurocientíficos na explicação do ciclo inevitável. Ao apresentar uma estrutura clara e associá-la às linhas vermelha, laranja e azul, o estudo oferece uma nova perspectiva para analisar o impacto das interações humanas e os fatores que determinam sucesso, estagnação ou regressão. Compreender o ciclo e suas etapas permite identificar padrões de comportamento e desenvolver estratégias para enfrentar os desafios da vida. Implementar modelos educacionais que abordem esses conceitos desde cedo é altamente recomendado, pois a educação se destaca como a principal ferramenta para preparar indivíduos para lidar com esse processo. Promover autoconhecimento, inteligência emocional e pensamento crítico nas instituições de ensino é crucial para formar pessoas mais adaptáveis e resilientes.

Embora este artigo tenha explorado amplamente os mecanismos do ciclo e suas implicações, pesquisas futuras podem se aprofundar nos fatores que influenciam a transição entre as etapas do funil, com atenção especial aos impactos de eventos externos. Estudos adicionais poderiam examinar a aplicabilidade desses conceitos em variados contextos culturais e econômicos, analisando como variáveis regionais e sociais podem afetar o avanço no ciclo. Além disso, seria valioso investigar intervenções práticas que ajudem indivíduos a superar barreiras ao longo de sua jornada, contribuindo para uma sociedade mais equitativa e consciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MASLOW, A. H. **A theory of human motivation**. Psychological Review, v. 50, n. 4, p. 370-396, 1943.

PIAGET, J. **To understand is to invent: the future of education**. New York: Grossman Publishers, 1972.

VYGOTSKY, L. S. **Mind in society: the development of higher psychological processes**. Cambridge: Harvard University Press, 1978, p. 88.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998, p. 112.

DARWIN, C. **On the origin of species**. London: John Murray, 1859, p. 490.

EVANS, R. J. **The third Reich at war**. New York: Penguin Press, 2008.

GIBBON, E. **The decline and fall of the Roman Empire**. New York: Modern Library, 2000.

HARRISON, R. K. **Introduction to the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 2004, p. 145, p. 312.

KERSHAW, I. **Hitler: 1889-1936: hubris**. London: Penguin Books, 1999, p. 315, p. 412.

MARTIN, S.; GRUBE, N. **Chronicle of the Maya kings and queens**. London: Thames & Hudson, 2008.

DEMAREST, A. **Ancient Maya: the rise and fall of a rainforest civilization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 38, p. 209, p. 235.

GENDROP, P. **A civilização maia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997, p. 45, p. 88, p. 120.

RESTALL, M.; SOLARI, A. **The Maya: a very short introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 30, p. 45, p. 89, p. 102.

BRIGHT, J. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 1981, p. 174, p. 209, p. 243.

GENTRY, P. J. **Kingdom through covenant: a biblical-theological understanding of the covenants**. Wheaton: Crossway, 2003, p. 212.

BEARD, M. **SPQR: a history of ancient Rome**. New York: Liveright Publishing, 2015, p. 112, p. 245, p. 273, p. 326, p. 342.

POLÍBIO. **Histórias**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011, Livro VI.

WARD, A. M. **A history of the Roman people**. New Jersey: Pearson, 2007, p. 59, p. 122, p. 278.

SUETÔNIO. **Vida dos doze césores**. Londres: Penguin Classics, 2007, p. 112.

EVANS, R. J. **The coming of the Third Reich**. London: Penguin Books, 2005, p. 178, p. 293, p. 342.

HITLER, A. **Mein Kampf**. Boston: Houghton Mifflin, 1925, p. 234.

SHIRER, W. L. **The rise and fall of the Third Reich**. New York: Simon & Schuster, 1960, p. 451, p. 823.

DE WAAL, F. **Chimpanzee politics: power and sex among apes**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2007, p. 89.

HÖLLDOBLER, B.; WILSON, E. O. **The ants**. Cambridge: Harvard University Press, 1990, p. 283.

MECH, L. D. **The wolf: the ecology and behavior of an endangered species**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999, p. 24.

SCHALLER, G. B. **The Serengeti lion: a study of predator-prey relations**. Chicago: University of Chicago Press, 1972, p. 175.

ZIMMER, C. **A planet of viruses**. Chicago: University of Chicago Press, 2021, p. 219.

CANUP, R. M.; ASPHAUG, E. **Origin of the Moon in a giant impact near the end of the Earth's formation**. Nature, v. 412, n. 6848, p. 708–712, 2001.

CARROLL, S. **The big picture: on the origins of life, meaning, and the universe itself**. New York: Dutton, 2016, p. 179.

TYSON, N. deGrasse; GOLDSMITH, D. **Origins: fourteen billion years of cosmic evolution**. New York: W. W. Norton & Company, 2004, p. 213.

EAGLEMAN, D. **Incognito: the secret lives of the brain**. New York: Pantheon Books, 2011, p. 96.

SAPOLSKY, R. M. **Behave: the biology of humans at our best and worst**. New York: Penguin Press, 2017, p. 152.

HEINRICH, B. **Mind of the raven: investigations and adventures with wolf-birds**. New York: HarperCollins, 2007, p. 143.

BANDURA, A. **Aggression: a social learning analysis**. New Jersey: Prentice-Hall, 1973, p. 105.

BALDWIN, N. **Edison: inventing the century**. New York: Hyperion, 2001, p. 112.

ISAACSON, W. **Einstein: his life and universe**. New York: Simon & Schuster, 2007.

SCHOPENHAUER, A. **Parerga and paralipomena**. London: Routledge, 1851.

BOURDIEU, P. **The forms of capital**. In: RICHARDSON, J. G. (Ed.). **Handbook of theory and research for the sociology of education**. New York: Greenwood Press, 1986, p. 241-258.

MLODINOW, L. **Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas**. São Paulo: Zahar, 2012, p. 56.

SKINNER, B. F. **Beyond freedom and dignity**. New York: Knopf, 1971, p. 88.

GALLAGHER, Tom. **Russia and Ukraine: the Unfolding Conflict**. Foreign Affairs, v. 101, n. 2, p. 34-46, 2022.

APPLEBAUM, Anne. **The War in Ukraine and the Decline of Democracy**. The Atlantic, v. 12, n. 3, p. 23-29, 2022

MENON, Rajan; RUMER, Eugene. **Conflict in Ukraine: The Unwinding of the Post–Cold War Order**. Cambridge: MIT Press, 2015.

ZAKARIA, Fareed. **Putin’s War and Its Global Impact**. The Washington Post, 2022. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com>. Acesso em: 21 dez. 2024.

BBC. **Ukraine War: Key Developments and Outcomes**. BBC News, 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/ukraine>. Acesso em: 21 dez. 2024.